

Edgar Allan Poe

# O Corvo



 Bilinguator

Edgar Allan Poe  
**O Corvo**

Edgar Allan Poe  
**The Raven**

## O Corvo

Tradução de Milton Amado.

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e  
sombria,  
A ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos  
manuais,  
E, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um  
ruído,  
Tal qual se houvesse alguém batido à minha porta,  
devagar.  
“É alguém, fiquei a murmurar, que bate à porta,  
devagar;  
Sim, é só isso e nada mais.”

Ah! claramente eu o relembro! Era no gélido  
dezembro  
E o fogo, agônico, animava o chão de sombras  
fantasmais.  
Ansiando ver a noite finda, em vão, a ler, buscava  
ainda  
Algum remédio à amarga, infinda, atroz saudade de  
Lenora  
Essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus  
chamam Lenora  
E nome aqui já não tem mais.

A seda rubra da cortina arfava em lúgubre surdina,  
Arrepiando-me e evocando ignotos medos  
sepulcrais.  
De susto, em pávida arritmia, o coração veloz batia  
E a sossegá-lo eu repetia: “É um visitante e pede  
abrigo.  
Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede  
abrigo.  
É apenas isso e nada mais.”

Once upon a midnight dreary, while I pondered,  
weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of  
forgotten lore—  
While I nodded, nearly napping, suddenly there  
came a tapping,  
As of some one gently rapping, rapping at my  
chamber door.  
“ ’Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my  
chamber door—  
Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak  
December,  
And each separate dying ember wrought its ghost  
upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought  
to borrow  
From my books surcease of sorrow—sorrow for the  
lost Lenore—  
For the rare and radiant maiden whom the angels  
name Lenore—  
Nameless here for evermore.

And the silken sad uncertain rustling of each purple  
curtain  
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never  
felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood  
repeating  
“ ’Tis some visitor entreating entrance at my  
chamber door—  
Some late visitor entreating entrance at my  
chamber door;  
This it is and nothing more.”

## The Raven

Ergui-me após e, calmo enfim, sem hesitar, falei assim:  
 “Perdoai, senhora, ou meu senhor, se há muito aí fora me esperais;  
 Mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido,  
 Que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta,  
 Assim de leve, em hora morta.” Escancarei então a porta:  
 Escuridão, e nada mais.

Sondei a noite erma e tranquila, olhei-a a fundo, a perquiri-la,  
 Sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais.  
 Estarrecido de ânsia e medo, ante o negror imoto e quedo,  
 Só um nome ouvi (quase em segredo eu o dizia) e foi: “Lenora!”  
 E o eco, em voz evocadora, o repetiu também: “Lenora!”  
 Depois, silêncio e nada mais.

Com a alma em febre, eu novamente entrei no quarto e, de repente,  
 Mais forte, o ruído recomeça e repercute nos vitrais.  
 “É na janela”, penso então. “Por que agitar-me de aflição?  
 Conserva a calma, coração! É na janela, onde, agourento,  
 O vento sopra. É só do vento esse rumor surdo e agourento.  
 É o vento só e nada mais.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,  
 “Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;  
 But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,  
 And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
 That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—  
 Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,  
 Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before;  
 But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,  
 And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore!”  
 This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”—  
 Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,  
 Soon again I heard a tapping something louder than before.  
 “Surely,” said I, “surely that is something at my window lattice;  
 Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—  
 Let my heart be still a moment, and this mystery explore;—  
 ’Tis the wind and nothing more.”

## O Corvo

Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar,  
penetra um vulto:

É um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras  
ancestrais.

Como um fidalgo passa, augusto e, sem notar  
sequer meu susto,

Adeja e pousa sobre o busto, uma escultura de  
Minerva,

Bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de  
Minerva,

Empoleirado e nada mais.

Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,  
Desperta em mim um leve riso, a distrair-me de  
meus ais.

“Sem crista embora, ó Corvo antigo e singular”,  
então lhe digo

“Não tens pavor. Fala comigo, alma da noite,  
espectro torvo!”

Qual é teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no  
inferno torvo!”

E o Corvo disse: “Nunca mais.”

Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa  
classe,

Misteriosa esfinge negra, a retorquir-me em termos  
tais;

Pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no  
presente,

Que igual surpresa experimente: a de encontrar,  
em sua porta,

Uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em  
sua porta

E que se chame “Nunca mais”.

Open here I flung the shutter, when, with many a  
flirt and flutter,

In there stepped a stately Raven of the saintly days  
of yore.

Not the least obeisance made he; not a minute  
stopped or stayed he,

But, with mien of lord or lady, perched above my  
chamber door—

Perched upon a bust of Pallas just above my  
chamber door—

Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into  
smiling,

By the grave and stern decorum of the  
countenance it wore,

“Though thy crest be shorn and shaven, thou,” I  
said, “art sure no craven,

Ghastly grim and ancient Raven wandering from  
the Nightly shore—

Tell me what thy lordly name is on the Night’s  
Plutonian shore!”

Quoth the Raven, “Nevermore.”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear  
discourse so plainly,

Though its answer little meaning—little relevancy  
bore;

For we cannot help agreeing that no living human  
being

Ever yet was blessed with seeing bird above his  
chamber door—

Bird or beast upon the sculptured bust above his  
chamber door,

With such name as “Nevermore.”

## The Raven

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria,  
Com a alma inteira a se espelhar naquelas sílabas fatais.

Murmuro, então, vendo-a serena e sem mover uma só pena,

Enquanto a mágoa me envenena: “Amigos? sempre vão-se embora.

Como a esperança, ao vir a aurora, ele também há de ir-se embora.”

E disse o Corvo: “Nunca mais.”

Vara o silêncio, com tal nexa, essa resposta que, perplexo,

Julgo: “É só isso o que ele diz; duas palavras sempre iguais.

Soube-as de um dono a quem tortura uma implacável desventura

E a quem, repleto de amargura, apenas resta um ritornelo

De seu cantar; do morto anelo, um epitáfio: o ritornelo

De “Nunca, nunca, nunca mais”.

Como ainda o Corvo me mudasse em um sorriso a triste face,

Girei então numa poltrona, em frente ao busto, à ave, aos umbrais

E, mergulhado no coxim, pus-me a inquirir (pois, para mim,

Visava a algum secreto fim) que pretendia o antigo Corvo,

Com que intenções, horrendo, torvo, esse ominoso e antigo Corvo

Grasnava sempre: “Nunca mais.”

But the Raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only

That one word, as if his soul in that one word he did outpour.

Nothing further then he uttered; not a feather then he fluttered—

Till I scarcely more than muttered: “Other friends have flown before—

On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before.”

Then the bird said, “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,

“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store,

Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster

Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—

Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore

Of ‘Never—nevermore.’ ”

But the Raven still beguiling all my sad soul into smiling,

Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door;

Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking

Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—

What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore

Meant in croaking “Nevermore.”

## O Corvo

Sentindo da ave, incandescente, o olhar queimar-me fixamente,  
 Eu me abismava, absorto e mudo, em deduções conjecturais.  
 Cismava, a fronte reclinada, a descansar, sobre a almofada  
 Dessa poltrona aveludada em que a luz cai suavemente,  
 Dessa poltrona em que ela, ausente, à luz cai suavemente,  
 Já não repousa, ah! Nunca mais?

O ar pareceu-me então mais denso e perfumado, qual se incenso  
 Ali descessem a esparzir turibulários celestiais.  
 “Mísero!, exclamo. Enfim teu Deus te dá, mandando os anjos seus,  
 Esquecimento, lá dos céus, para as saudades de Lenora,  
 Sorve-o nepentes. Sorve-o, agora! Esquece, olvida essa Lenora!”  
 E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta!? brado? Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal  
 Que o Tentador lançou do abismo, ou que arrojaram temporais,  
 De algum naufrágio, a esta maldita e estéril terra, a esta precita  
 Mansão de horror, que o horror habita, imploro, dize-mo, em verdade:  
 Existe um bálsamo em Galaad? Imploro! Dize-mo, em verdade!”  
 E o Corvo disse: “Nunca mais.”

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing  
 To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;  
 This and more I sat divining, with my head at ease reclining  
 On the cushion’s velvet lining that the lamp-light gloated o’er,  
 But whose velvet violet lining with the lamp-light gloating o’er  
 She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer  
 Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.  
 “Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee—by these angels he hath sent thee  
 Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore!  
 Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!”  
 Quoth the Raven, “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—  
 Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,  
 Desolate, yet all undaunted, on this desert land enchanted—  
 On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—  
 Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!”  
 Quoth the Raven, “Nevermore.”

## The Raven

“Profeta!” exclamo. “Ó ser do mal! Profeta sempre,  
ave infernal!  
Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os  
mortais,  
Fala se esta alma sob o guante atroz da dor, no  
Éden distante,  
Verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam  
Lenora,  
Essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus  
chamam Lenora!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais!”

“Seja isso a nossa despedida! Ergo-me e grito, alma  
incendida.  
Volta de novo à tempestade, aos negros antros  
infernais!  
Nem leve pluma de ti reste aqui, que tal mentira  
ateste!  
Deixa-me só neste ermo agreste! Alça teu voo  
dessa porta!  
Retira a garra que me corta o peito e vai-te dessa  
porta!”  
E o Corvo disse: “Nunca mais!”

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a  
fio,  
Sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em  
meus umbrais.  
No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em  
sonhos, dorme,  
E a luz da lâmpada, disforme, atira ao chão a sua  
sombra.  
Nela, que ondula sobre a alfombra, está minha  
alma; e, presa à sombra,  
Não há de erguer-se, ai! nunca mais!

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if  
bird or devil!  
By that Heaven that bends above us—by that God  
we both adore—  
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant  
Aidenn,  
It shall clasp a sainted maiden whom the angels  
name Lenore—  
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels  
name Lenore.”  
Quoth the Raven, “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I  
shrieked, upstarting—  
“Get thee back into the tempest and the Night’s  
Plutonian shore!  
Leave no black plume as a token of that lie thy soul  
hath spoken!  
Leave my loneliness unbroken!—quit the bust  
above my door!  
Take thy beak from out my heart, and take thy form  
from off my door!”  
Quoth the Raven, “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is  
sitting  
On the pallid bust of Pallas just above my chamber  
door;  
And his eyes have all the seeming of a demon’s that  
is dreaming,  
And the lamp-light o’er him streaming throws his  
shadow on the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating  
on the floor  
Shall be lifted—nevermore!





Больш книг-білінгв на [bilinguator.com](https://bilinguator.com)  
More bilingual books on [bilinguator.com](https://bilinguator.com)  
Więcej dwujęzycznych książek na [bilinguator.com](https://bilinguator.com)  
Больше книг-билингв на [bilinguator.com](https://bilinguator.com)  
Більше книг-білінгв на [bilinguator.com](https://bilinguator.com)

2024